



## O fechamento e a abertura: o controle jornalístico conservador para a determinação do fluxo da informação e a reprodução institucional<sup>1</sup>

**Luciano Miranda<sup>2</sup>**

**Universidade de Passo Fundo**

### **Resumo**

Demonstrar que, por meio de operações de edição restritiva ao emprego ampliado do hipertexto, a Internet não tem acarretado riscos à reprodução institucional do jornalismo, apesar de que eles potencialmente existam, é o principal objetivo deste artigo. São analisadas publicações on-line integrantes do jornalismo de referência diário em nível local (Passo Fundo, RS), em nível estadual (Porto Alegre, RS), e em nível nacional (São Paulo, SP). Para tanto, busca-se compreender os padrões de delimitação do percurso de leitura. Emprega-se a noção de campo jornalístico (BOURDIEU, 1994), pela qual se observam relações entre pólos em conflito, e circulação de capital social específico, mediante as lógicas na forma objetivada nas práticas. **Palavras-chave:** Internet; campo jornalístico; práticas sociais.

O fechamento diário do jornal significa, na imprensa de referência, o encerramento de mais um ciclo de produção, em que o momento culminante é a existência de um produto acabado. São diversas operações de edição, que convergem a esse fechamento. Portanto, a constatação dessa convergência implica afirmar que o jornal pronto, isto é, “fechado”, é a própria materialização daquelas operações, que visam ao controle da informação. Dito de outro modo, o jornal impresso é a materialização do controle jornalístico. Não obstante, o jornalismo de referência, com a disseminação do uso da Internet, também passou a veicular a informação no novo meio de comunicação. No entanto, a rede se caracteriza pelo fluxo indeterminado da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT de Práticas Sociais de Comunicação, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Jornalista. Mestre em comunicação e informação (UFRGS), doutorando em ciência política (UFRGS). Autor de *Jornalismo On-Line*. Passo Fundo: UPF Editora, 2004; e *Pierre Bourdieu e o campo da comunicação – Por uma teoria da comunicação praxiológica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005. E-mail: lmiranda@upf.br.



informação. Uma lógica de abertura – então, em oposição a toda lógica de fechamento – fundamenta a existência da informação e as escolhas que os usuários da informação fazem na Internet. Os usuários são ou podem ser leitores ativos, que têm no hipertexto o suporte para a leitura e o instrumento para a construção dos próprios percursos individuais de leitura.

Naquilo que interessa especificamente à instituição do jornalismo, na medida em que este se fez presente na rede, evidenciou lógicas em conflito: o fechamento em contradição com a abertura. O jornalismo on-line se exterioriza como meio de comunicação e integra uma instituição. A Internet, por outro lado, consolidou-se como meio de difusão de informações. Não é possível de se lhe atribuir o estatuto institucional, haja vista a compreensão de que este pressupõe a existência de um determinado grupo social que possui certa ordem e organização própria, e com poder, para o que ora está em tela, de preencher de sentido a variedade de informações que lhe cabe selecionar e difundir. Dito de outro modo, embora não seja uma instituição, mas um espaço-técnica que engendra influências e transformações nas relações culturais, a Internet é meio para o desenvolvimento de grupos e de instituições.

Demonstrar que, por meio de operações de edição restritiva ao emprego ampliado do hipertexto, este instrumento de comunicação não tem acarretado riscos à reprodução institucional do jornalismo, apesar de que eles potencialmente existam, é o principal objetivo deste artigo. São analisadas publicações on-line integrantes do jornalismo de referência diário em nível local (Passo Fundo, RS), em nível estadual (Porto Alegre, RS), e em nível nacional (São Paulo, SP). Para tanto, busca-se compreender os padrões de delimitação do percurso de leitura. Emprega-se a noção de campo jornalístico (BOURDIEU, 1994), pela qual se observam relações entre pólos em conflito, e circulação de capital social específico, mediante as lógicas na forma objetivada nas práticas.

A velocidade de disseminação e de implantação das redes que expandem a Internet é acompanhada de significativa adesão das empresas jornalísticas ao novo meio e de sinergia, uma vez que o produto da divisão do trabalho nas unidades de produção, a informação, é o mesmo, que se recicla para qualquer técnica que lhe dê suporte. Por outro lado, as organizações são estimuladas pelo crescimento exponencial de usuários da Internet e a incorporação das publicações on-line em seus hábitos cotidianos de leitura. Assim, o jornalismo nela investiu a partir do conhecimento acumulado em suas rotinas produtivas. Porém, o investimento contou com escassa reflexão sobre possíveis



contradições ensejadas nessa relação. Tal reflexão restou a cargo do meio acadêmico,<sup>3</sup> que continua a protagonizá-la, não obstante já sejam mais perceptíveis nas redações preocupações orientadas aos diferentes meios e sistemas de informação que transcendem às das demandas diárias por atualização da comunicação a ser publicada. Portanto, os jornalistas e as empresas jornalísticas aumentaram a atenção aos impactos sociais e culturais do novo meio às práticas da profissão.

Autores como Adghirni (2001) e Miranda (2004; 2005a) observam o mencionado conflito, da lógica de abertura e de indeterminação, própria da Internet, com a de fechamento e de controle da informação, própria do jornalismo e que pela qual a ela aplica sentido. Como consequência, potencial ou hipoteticamente, as lógicas específicas da rede conflitam com as do jornalismo, colocando-o em risco. Isto é, sob ameaça de surgimento de uma crise de reprodução institucional, uma vez que os padrões constituintes nas práticas profissionais, tenderiam não simplesmente a determinada transformação, mas à sua negação. Destarte, a aferição do grau de comprometimento da atividade, uma vez entendido o que está em jogo nela, só é possível pela interpretação informada por teoria social orientada justamente ao entendimento das lógicas presentes nas práticas, para além das variações oferecidas nas relações entre o jornalismo e as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC).

O jornalismo produz comunicação, entendida como a informação agregada de sentido. Este, por sua vez, constitui-se por meio da atividade profissional dos jornalistas que selecionam e repercutem os acontecimentos observados no espaço social em consonância a critérios variados de noticiabilidade. Deste modo, na dimensão institucional, o jornalismo se caracteriza por produzir sentido na esfera pública, espaço discursivo e de deliberação em que agentes particulares discorrem sobre temas de interesse público. Todavia, esse espaço teórico não é fruto de uma experiência idealizada, tal como se a tem em Habermas (1984) e quando problematizada (DAHLBERG, 2001; KELLNER, 1998) para a relação de agentes intelectuais confrontados com as NTIC. Resulta de conflito ou concorrência entre os agentes que estruturam o domínio do jornalismo a fim de obterem as melhores posições no campo. Se eles investem, por um lado, nas contendas interindividuais, têm interesse, por outro, na segurança institucional, isto é, que o espaço em que empreendem suas práticas e relações subsista a fim de que lhes possa garantir a

---

<sup>3</sup> Cf. MORAES (2002), que relaciona impressos e meio on-line para objetivo diferente ao deste estudo.



própria subsistência. Este processo de colusão (BOURDIEU, 1997) tende a redefinir as noções dominantes em circulação no campo jornalístico. Essa dinâmica pôde ser verificada com o advento das NTIC que puseram em causa a atividade jornalística.

## O campo do jornalismo on-line de referência no Brasil

Sabe-se que a principal ferramenta de trabalho dos jornalistas é a palavra, e esta define e redefine sentidos do – e para o – mundo social na forma estruturada de textos. Na evolução textual do jornalismo brasileiro, partiu-se de modelos lineares mais afeitos às artes literárias até se atingir a estrutura da pirâmide invertida, iniciada pelo *lead*, e fundada no ideal da objetividade jornalística, ideal cujo sentido também esteve sempre em disputa.<sup>4</sup> Desde então, uma vez realizado o fechamento de uma dada edição, esta está pronta para circulação e, para os diários em que ele se dá à noite, leitura já no início do dia seguinte. Tem-se o jornal, um produto acabado, ao menos até a próxima edição. Não obstante, a Internet liquida com essa concepção de acabamento, trazendo consigo duas importantes técnicas que se impuseram como problemáticas à atividade jornalística: o hipertexto e, mais do que a instantaneidade, a possibilidade de atualização contínua da informação. O jornalismo on-line, forma jornalística decorrente da relação do fazer jornalístico com a Internet, se caracteriza por apresentar-se ou realizar-se, em tese, por atualizações contínuas do conteúdo difundido na forma de hipertexto. Este se apresenta como blocos de texto vinculados ou associados a outros blocos por intermédio de *links*.

Por conseguinte, o percurso da leitura, se não delimitado, é virtualmente infinito ou indeterminado. Dito de outro modo, o conteúdo final de uma dada leitura seria produto do leitor ativo, o próprio indivíduo que lê, mediante suas escolhas aleatórias ao clicar de um *hiperlink* a outro, de uma página a outra, de um *site* a outro, sem a necessidade de ter de obedecer a um roteiro previamente estabelecido ou de ser fiel a alguma fonte ou veículo de informação único ou singular(izado). O jornalista, redator e/ou editor, deixaria com isto de definir definitivamente o produto textual. Participaria de maneira parcelar e provisória no conteúdo final daquilo lido, provisoriamente que lhe tem associada, além da lógica da indeterminação (ou da abertura) na Internet

---

<sup>4</sup> Sobre as lutas em torno do ideal da objetividade jornalística e, especialmente, a oposição entre *news* (notícias) e *views* (opiniões), ver SCHUDSON (1978).



interferente na leitura, as contínuas atualizações do texto que possibilitam transformá-lo o tempo todo e, portanto, não lhe oferecendo um texto/produto definitivamente acabado.

(...) o processo de edição, central no jornalismo, arrisca-se a acontecer sem reflexão, o que esvazia o seu sentido.<sup>5</sup> Como referido, o *fechamento* diário – que trabalha em torno do acabamento do material bruto ou suficientemente lapidado – depara-se, no jornalismo on-line, com a indeterminação de uma *abertura*. Esse é um paradoxo específico do jornalismo on-line, intensificado pela desregulamentação temporal, que significa, em princípio, a negação da especificidade do jornalismo por aqueles sujeitos inclinados ou vocacionados à nova mídia (MIRANDA, 2004, p. 27).<sup>6</sup>

Como consequência, o campo jornalístico se vê trespassado por contendas que visam reorientar os princípios que regulam as práticas na profissão e suas relações com os diferentes meios de comunicação que dão suporte às informações que os difundem. Operam nesse conflito técnicas de edição que parecem neutralizar os efeitos próprios do novo meio. Assim, o problema se destaca ao exercício jornalístico consoante aos princípios deontológicos assentados no tripé tradicional da imprensa, rádio e televisão, para a Internet. Deve-se, esclarecer, então, em que medida, de fato, a Internet, entendida como veículo ou meio de comunicação, contraria as lógicas específicas do jornalismo, em que se destacam as operações de controle<sup>7</sup> por intermédio da edição, e, se isso procede, da medida em que ela tenderia a extinguir o jornalismo tal como vinha sendo praticado há pouco na imprensa. Por outro lado, uma vez percebida no novo meio a adoção de critérios de controle da produção e do fluxo da informação, caberia a pergunta acerca da medida em que se impõem as lógicas jornalísticas sobre as da Internet e quais seriam elas.

Partindo desses pressupostos ou questionamentos e da análise efetuada mediante acessos aleatórios à Internet durante mais de um ano, verifica-se a existência de dois pólos fundamentais em conflito no campo jornalístico: 1º o ocupado por agentes orientados à redefinição de princípios que sustentam a atividade jornalística, mediante a introdução das novas técnicas próprias da Internet, em que pesa o uso central da estrutura dinâmica de blocos de hipertexto como ferramenta nas novas rotinas de produção; 2º o ocupado por agentes dispostos à conservação dos princípios regentes da profissão, mediante tentativas de fechamento não só do texto difundido como do próprio espaço que lhe é destinado nas páginas dos webjornais, em que pesa a aplicação da

---

<sup>5</sup> A velocidade, portanto, tende a chocar-se com a precisão. Cf. SOSTER (2003).

<sup>6</sup> Em MIRANDA (2004, p. 28), busca-se a atenção para o fato de que, de início impossibilitados de realizarem o mesmo tipo de fechamento verificado na imprensa, os webjornalistas tentam operar em seus veículos “microfechamentos” definidos em torno do conceito de *consolidação/consolidações*.

<sup>7</sup> Ou “determinação”, em oposição à indeterminação da Internet.



tradicional estrutura textual da pirâmide invertida. Para avaliar-se o grau de êxito dos ocupantes de um pólo ou de outro, primeiramente aqui se forja a noção de “padrão de delimitação da leitura” dos periódicos on-line legitimados no campo jornalístico brasileiro, ou, noutros termos, “webjornalismo brasileiro de referência” (LEAL, 2003), relacionado ao espaço internacional dada a rentabilidade do método comparativo para os estudos midiáticos (BENSON, 1998). A avaliação do “padrão de delimitação da leitura” é necessária haja vista o fato de que o sucesso na contenda entre um e outro grupo dependerá da estrutura textual pela qual o leitor logrará empreender o seu percurso de leitura, e, portanto, de engendrar uma indeterminação ou determinação à produção jornalística.

Antecipe-se que o pólo conservador domina a luta de redefinição dos princípios do campo, e com isto impedindo ou limitando os riscos de reprodução institucional do jornalismo. De um modo geral, o que tem sido elaborado na Internet é um tipo de jornalismo “tradicional” em que o texto se estrutura de acordo com os critérios constitutivos da pirâmide invertida, sem o uso de *links* de hipertexto ou muito raramente os utilizando. Na análise, são nomeados como “textos convencionais” aqueles que se diferenciam estruturalmente da redação hipertextual. Tem-se então um fazer jornalístico cujo texto se equipara ao do impresso, resguardadas as distinções relativas aos modelos de diagramação das páginas na Internet e a possibilidade de atualização contínua do conteúdo com velocidade variável de um veículo a outro.

É o caso dos jornais locais de Passo Fundo, cidade de porte médio para os padrões do Estado do Rio Grande do Sul.<sup>8</sup> Seus dois jornais de referência, *Diário da Manhã* e *O Nacional*, não adotam o hipertexto ao “conteúdo jornalístico”.<sup>9</sup> Os *links* se restringem a elementos que lhes são externos, como o acesso direto a determinadas editorias a critério do leitor. Isto é, uma vez clicadas, apresentam textos convencionais não empregadores da estrutura hipertextual, mas da pirâmide invertida, embora mesmo esta seja por vezes falha em decorrência de inadequações de redação tais como as de posicionamento do *lead*.

No que se reporta especificamente ao padrão de delimitação da leitura do *Diário da Manhã*,<sup>10</sup> em sua homepage (A1) ocorre a oferta de *links* em coluna à esquerda da

---

<sup>8</sup> A população da cidade é de cerca de 180.000 habitantes.

<sup>9</sup> Aqui e doravante entendido como *extensão própria* do texto: conjunto textual cujo espaço ocupado em tela dá conta de um relato *completo* – no caso da reportagem – do acontecimento objeto da cobertura. O pressuposto de uma inteligibilidade do texto, quanto ao sentido associado ao fato, resulta em lógica similar a outros gêneros jornalísticos. De regra, coincide com a extensão de um ou mais parágrafos.

<sup>10</sup> [www.diariodamanha.net](http://www.diariodamanha.net).

página. Não obstante, o leitor tende a clicar sobre um dos *hiperlinks* na forma de imagens de capas de jornal, haja vista o periódico passo-fundense ser empresa integrante de um grupo também instalado em outras três cidades. Ou seja, ingressando no “espaço” destinado a Passo Fundo, o leitor enfrenta os *links* das manchetes (A2), pelas quais, uma vez escolhida uma ou outra, empreende sua trajetória limitada de navegação, pois se depara com um texto convencional (A3; A4) e de baixa intensidade ou velocidade de atualização.

Padrão semelhante oferece *O Nacional*,<sup>11</sup> que tenta aparentar maior dinamismo por meio do design da página, com diagramação em que as células ocultas das tabelas possuem maior número de mesclas a este fim, diminuindo as simetrias de verticalidade (eixo das ordenadas) e horizontalidade (eixo das abscissas) das imagens e infografias exibidas na homepage. A propósito da organização das imagens e das animações, há tentativa de um maior uso da diagramação em colunas (disposição vertical) para os *banners* – usualmente dispostos horizontalmente (diagramação em linhas) – de anúncios publicitários. Não obstante, a despeito de os “artifícios” de diagramação, repete-se o recurso da coluna à esquerda com *links* para editorias e manchetes – no espaço central da página. Doravante, obtém-se um texto convencional e *links* para opções reordenadas de editorias e/ou manchetes que oferecem ao leitor tão-somente textos convencionais.

#### A) Padrão de delimitação da leitura do jornal *Diário da Manhã*; Passo Fundo, RS, Brasil.

1:



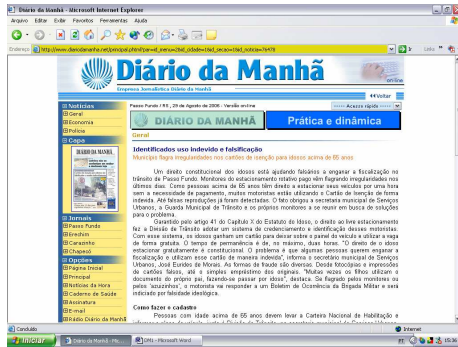
2:



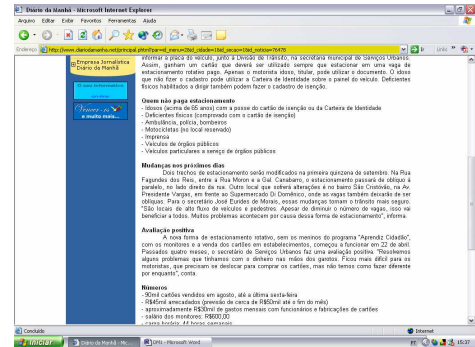
<sup>11</sup> www.onacional.com.br.



3:



4:



Com relação aos periódicos da capital gaúcha, antes do que está sob o crivo prioritário da análise, surpreende a constatação de usos do meio on-line de modo discrepante com relação às tendências nele majoritárias, especificamente para o jornalismo de referência, ou com relação aos juízos acumulados na pesquisa voltada à Internet.

Diário em circulação desde 1895, para o webjornalismo *Correio do Povo*<sup>12</sup> adotou “política” de acesso vinculado à manutenção do pagamento da assinatura do jornal impresso, ou seja, de ser dele assinante. Esta opção privilegia a fidelização à imprensa em detrimento da “abertura” da empresa, na Internet, a novos segmentos de mercado que *a priori*, mesmo com esta “política”, não assinarão o jornal. Como consequência, a empresa tende a não aproveitar o potencial de ampliação, se o jornal se encontrasse “aberto” na rede, das rendas provenientes de anúncios publicitários, sabida e historicamente a principal fonte de financiamento do jornalismo.

Com efeito, a inexistência do acesso gratuito, no *Correio do Povo*, se choca – *a contrario sensu* – a fidelização digital, rentável financeiramente ou com potencial para tanto, e que alavanca estratégias de ampliação de leitores no meio impresso.<sup>13</sup> Por outro lado, como os custos financeiros para a elaboração da informação no sentido estrito já se pagaram – ou deveriam estar pagos – no processo de produção do jornal impresso, a restrição de acesso na Internet não se justifica. Esse bloqueio de comunicação aqui interpretado, por desviar-se dos objetivos centrais da análise que visam estabelecer relação entre mídia impressa e on-line ao jornalismo de referência, implicou o descarte

<sup>12</sup> [www.correiodopovo.com.br](http://www.correiodopovo.com.br).

<sup>13</sup> Um exemplo significativo desse tipo de práticas, mais orientadas por concepções de marketing, é o modo pelo qual a revista britânica *The Economist* faz uso das páginas na Internet e do e-mail, relacionando-se de modo freqüente, por diferentes maneiras, com seus leitores, assinantes ou não. Abordados usualmente, nesta condição, como assinantes em potencial.



do *Correio do Povo* da avaliação específica em tela. Em tempo, não obstante, já se encontrando o estudo em andamento, o periódico, de início ainda “aberto” no meio online, limitava-se à publicação na Internet do mesmo conteúdo e forma impressos, isto é, do arquivo em formato PDF da edição impressa corrente, do que se infere o reduzido grau de interesse e de atendimento às possibilidades oferecidas pela rede ao jornalismo, aqui especificamente no que diz respeito à estrutura hipertextual. Neste sentido, poder-se-ia atribuir ao *Correio do Povo* um maior conservantismo se cotejado mesmo àquelas publicações ora tidas como ocupantes do pólo conservador ou ortodoxo no campo jornalístico.

## B) Padrão de delimitação da leitura do jornal *Zero Hora*; Porto Alegre, RS, Brasil.



No que se reporta a *Zero Hora*,<sup>14</sup> segue o padrão já descrito do emprego de *links* restrito ao acesso a editorias e manchetes e, neste caso específico, serviços e promoções em que se percebe um objetivo aparente de intensificar a interação com o leitor. Em seguida às manchetes acompanhadas de dados introdutórios à matéria, o que se obtém são textos convencionais estruturados de acordo com a pirâmide invertida. Com relação à diagramação, isto é, a distribuição dos elementos textuais e imagéticos na página, há simplicidade em que se observa coluna no lado limítrofe esquerdo da homepage e das páginas que lhe sucedem de largura equivalente a outra que lhe é oposta no limite

<sup>14</sup> [www.zerohora.com.br](http://www.zerohora.com.br) e [www.clicrbs/jornais/zerohora/...](http://www.clicrbs/jornais/zerohora/)



direito. Apresentam, respectiva e prioritariamente, os *links* das editorias e os de serviços e promoções. No espaço central, as manchetes e/ou as matérias mencionadas. Anúncios na forma de *banners* dispostos ao eixo das abscissas (horizontais) reforçam a simplicidade das páginas (B1; B2). Portanto, as matérias se “fecham” em si mesmas não permitindo uma navegação indeterminada sob o controle do leitor. No entanto, o que mais se atenta em *Zero Hora* é a posição secundária, quanto à sua apresentação na Internet, com relação ao *ClicRBS*, que visaria, entre outros intentos, ser uma espécie de portal ou homepage central da RBS.<sup>15</sup> Isso implica a valorização do veículo criado exclusivamente para o meio on-line, em prejuízo identitário de *Zero Hora*,<sup>16</sup> prática arriscada à acumulação de capital social específico, problemática que será retomada mais adiante.

Estruturação de elementos semelhante a *Zero Hora*, para não dizer praticamente a mesma, é verificada nos jornais *O Estado de S. Paulo*<sup>17</sup> e *Folha de S. Paulo*.<sup>18</sup> Para o que importa aqui, o padrão de delimitação da leitura, é igual, isto é, que resulta na determinação de textos convencionais sob controle jornalístico e de acordo com a estrutura da pirâmide invertida.

Estritamente com relação à *Folha de S. Paulo*, no dia 20 de maio de 2006 entrou no ar um novo projeto gráfico para o *site*, paralelamente à reformulação do impresso. A distribuição dos elementos estabelece uma relação de legibilidade superior à do *site* antigo, que apresentava “poluição” visual ao se ter acesso a homepage. No entanto, para o que mais interessa ao estudo, a mudança implicou investimento em lógica ortodoxa em detrimento das possibilidades – heterodoxas – inerentes às características próprias do jornalismo on-line, apesar de que as intenções dos seus agentes sociais à reformulação aparentem o contrário.<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> Grupo empresarial no setor das comunicações atuante na região sul do Brasil, que oferta ao leitor os conteúdos de seus diferentes veículos.

<sup>16</sup> Este problema foi atenuado em virtude de que a digitação do endereço [www.zerohora.com.br](http://www.zerohora.com.br) implica acesso direto à homepage própria do jornal *Zero Hora*, e não à do *ClicRBS*, como se dava no início do projeto.

<sup>17</sup> [www.estado.com.br](http://www.estado.com.br) e [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br).

<sup>18</sup> [www.folha.com.br](http://www.folha.com.br) e [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br).

<sup>19</sup> De acordo com a *Folha Online*, “Entre as novidades do site, estão o maior destaque para fotografias do dia e a introdução de ferramentas que informam a cada minuto as reportagens de maior audiência do site, líder absoluto no noticiário da internet brasileira - a Folha Online chega hoje a 10 milhões de visitantes únicos por mês, segundo dados do UOL. “Queremos tornar o site mais transparente e abrir novos espaços para a participação do leitor”, disse Ana Lucia Busch, diretora-executiva da Folha Online. As páginas do site também passam a adotar um formato mais largo (de 1.024 pixels), que explora melhor a resolução dos monitores mais modernos. O ganho permite incluir fotos maiores e adotar mais chamadas de forma confortável para o leitor. Atendendo a pedidos dos leitores fora do eixo Rio-São Paulo-Brasília, o site decidiu reunir um espaço para dar atenção ainda maior ao noticiário de cidades como



Dito de outro modo, as práticas empreendidas pelos agentes da *Folha Online*, preservando a dinâmica freqüente da atualização em tempo real de seus conteúdos, foram dissociadas do emprego de uma dimensão ampliada da estrutura hipertextual, portanto com possibilidades maiores de indeterminação ao controle jornalístico. Isto é, investiu-se na determinação de um padrão de delimitação da leitura cujo resultado último é o de matérias sem *links* na extensão própria dos textos, que permitiriam uma navegação indeterminada (de produto final construído por leitor ativo).

---

Belo Horizonte, Recife, Salvador, Goiânia, Belém, Porto Alegre e Florianópolis, entre outras capitais brasileiras. Também privilegiará a cobertura do interior dos Estados, especialmente o paulista. "Com as mudanças, a Folha Online torna-se ainda mais informativa, ao contemplar noticiário regional, fazer uso mais eficiente de fotos e infográficos e melhorar o aproveitamento do espaço da tela do computador, o que permite aumentar o número de reportagens publicadas na página principal", disse. (...) Outra novidade foi a criação do espaço "O que foi notícia" para resumir os principais fatos comentados na semana - outra demanda dos leitores. (...)"  
([www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u78760.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u78760.shtml) – acesso em 20 de maio de 2006 – negritos da publicação).

## A reprodução geral de capital social específico: a guisa de conclusão

A teoria social generaliza ao campo jornalístico a *credibilidade* como capital social específico (CSe).<sup>20</sup> Para o que está em tela, não interessa mensurar o seu grau uma vez que se parte de veículos relativamente legitimados. O que interessa é o estabelecimento da relação entre mídia impressa e mídia on-line, e, desta, a ratificação de lógicas específicas ortodoxas ou a tensão oferecida por dado novo emergente à observação. Em contraste, a pesquisa acadêmica detecta,<sup>21</sup> algo do senso comum, que as informações circulantes na Internet possuem credibilidade precária ou reduzida; são pouco confiáveis, exceto quando associadas a veículo de comunicação legitimado. Haja vista o fato de que adquiriram legitimidade no “mundo real”, os periódicos da imprensa de referência transferem legitimidade aos seus símiles do “mundo virtual”. Com a sinergia midiática, tem-se atraído acesso à Internet.<sup>22</sup>

Portanto, o CSe acumulado pelos jornais impressos investe de credibilidade os jornais on-line, que, se não recebessem essa investidura percebida como aval ou atestação, não lograriam o mesmo êxito, da *fides* implícita ou crença incorporada pelos visitantes de suas homepages. A rede, com efeito, possui escassa fiabilidade como resultado de feedback de sua própria lógica informacional de indeterminação, já que “aberta”, abarcante de todo tipo de informação, inclusive aquela ausente do CSe ao campo jornalístico. Por conseguinte, ao passo que o jornalismo impresso estimula a leitura de suas publicações on-line, esta passa a ser estímulo para a leitura dos impressos.<sup>23</sup> Assim, há que se reforçar a identidade da marca construída na história social para fornecer ao jornalismo on-line a referida atestação. Isso é bem evidenciado, nos sites, pela força simbólica propiciada pelas imagens dos periódicos impressos. O

---

<sup>20</sup> Ver, por exemplo, a necessidade de sua confirmação constatada em BERGER, Christa. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

<sup>21</sup> Cf. MIRANDA (2004).

<sup>22</sup> Cf. SPITZ, Clarice. “Audiência de site de notícias cresce duas vezes mais que internet”. *Folha Online* ([www.folha.com.br](http://www.folha.com.br) - 09 de março de 2006 - 21h23) : “O número de internautas brasileiros que acessou ao menos uma vez sites de informações jornalísticas, meteorologia ou mapas cresceu 26,77% em janeiro deste ano sobre o mesmo mês do ano passado. O crescimento é duas vezes maior que o da própria internet no período, segundo pesquisa da Ibope/NetRatings. Em janeiro do ano passado, 5,304 milhões de usuários navegaram para ler notícias. Em janeiro deste ano, esse número saltou para 6,724 milhões. Enquanto isso, os usuários únicos da internet subiram 12,9% para 12,036 milhões. No total, os sites de notícias corresponderam a 55,9% do universo de internet. Só as notícias jornalísticas, que englobam as notícias de portais, registraram um avanço de 24,4% em 12 meses. (...)”

<sup>23</sup> A pesquisa tem demonstrado que os usos despendidos a um e outro meio não se configuram os mesmos. Mesmo confiando num e noutro, eles não são lidos do mesmo modo e na mesma extensão, isto é, as práticas de leitura não são as mesmas. Cf. MIRANDA (2004).

estabelecimento desse tipo de relação entre os meios, à luz estritamente da tentativa de interpretação das lógicas informacionais ativadas pelos agentes no campo jornalístico, encontra orientação conservadora ou ortodoxa, em benefício da instituição jornalística, como efeito da impossibilidade de garantia à manutenção da posse de CSe desde alguma lógica heterodoxa.

Partindo-se da constatação da virtual existência de três formas ideal-típicas de jornalismo difundido na Internet – jornalismo textual ou hipertextual estático em rede,<sup>24</sup> jornalismo on-line e jornalismo em tempo real,<sup>25</sup> estes em tese hipertextuais (MIRANDA, 2004),<sup>26</sup> conclui-se que, face às realidades observadas, praticamente **inexiste** “jornalismo on-line”, entendido em seu sentido estrito, no webjornalismo de referência, ou seja, na atividade empreendida pelos veículos de referência locais, estaduais, nacionais. A constatação de tal inexistência se sustenta, como visto, prioritariamente na análise aleatória dos textos apresentados pelas publicações em suas páginas disponibilizadas na Internet. Portanto, a compreensão da atividade jornalística e, daí, de sua instituição, tem como ponto de partida, na investigação, a produção textual e de sentidos. O grau de legibilidade potencializa o sentido; a saturação na indeterminação informacional, a entropia. Além disso, da observação dos procedimentos editoriais adotados por esses veículos, formulou-se hipótese de que escolhas de natureza econômico-financeira são o principal fator para a limitação do investimento nos recursos simbólicos decorrentes do emprego das NTIC.

Não obstante, a disposição à inovação tecnológica, mesmo que se limite econômico-financeiramente no momento da sua aplicação às práticas jornalísticas, viu-se conservadora ou ortodoxa e, ao fim e ao cabo, assegurando-as e com isso viabilizando a reprodução da instituição jornalística mediante o controle da informação e da posse de CSe. A transposição das lógicas constituintes dos discursos no meio impresso para o meio on-line implicou, à atividade na Internet, a replicação da heteronomia típica do campo jornalístico, pela qual preponderam lógicas econômicas e políticas, externas ao campo, em seu interior. Por outro lado, uma vez constatada tal preponderância, conclui-se que não prepondera qualquer lógica especificamente informacional, do que se deduz que a “lógica da abertura” ou a

<sup>24</sup> Em oposição às atualizações constituintes das páginas dinâmicas, para as quais são necessários softwares adequados.

<sup>25</sup> A diferença entre um e outro seria a do intervalo entre as atualizações contínuas das páginas, contabilizadas em minutos para o jornalismo on-line, e em segundos para o jornalismo em tempo real.

<sup>26</sup> O conjunto das formas se assenta genericamente no senso comum como “jornalismo on-line”, a que se pode referir então como jornalismo on-line *lato sensu*.



“lógica da indeterminação”, própria do hipertexto presente na Internet, não consegue se sustentar na atividade jornalística, isto é, não implica riscos ao controle jornalístico em que se operam lógicas de fechamento no processo de edição.

### Referências bibliográficas

- ADGHIRNI, Zélia Leal. “Informação on-line e mudanças estruturais no jornalismo”. In: *Anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (Intercom)*, 2001.
- BENSON, Rodney. “Field Theory in comparative context: a new paradigm for media studies”. In: *Theory and Society*, 48, 1998, p. 463-498.
- BERGER, Christa. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinción – criterio y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus, 1991.
- \_\_\_\_\_. “L’emprise du journalisme”. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 101-102, p. 3-9, mars 1994.
- \_\_\_\_\_. *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil, 1997.
- BRETON, Philippe. *Le culte de l’Internet*. Paris: La Découverte, 2000.
- DAHLBERG, Lincoln. “Computer-mediated communication and the public sphere: a Critical analysis”. In: *Journal of computer-mediated communication*, v. 1, Oct. 2001.
- EDO, Concha. *Periodismo informativo e interpretativo – El impacto de Internet en la noticia, las fuentes y los géneros*. Sevilla: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- KELLNER, Douglas. “Intellectuals, the new public spheres, and techno-politics”. In TOULOUSE, C. Toulouse & LUKE T. W. Luke (Eds.), *The politics of cyberspace: A new political science reader*. New York: Routledge, 1998, p.167-186.
- LEAL, Ana Regina Barros Rego. “Webjornalismo brasileiro de referência”. In: *Comunicação e espaço público*. Brasília Vol. 6, n. 1/2 (2003), p. 119-133.
- MIRANDA, Luciano. *Jornalismo On-line*. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.
- \_\_\_\_\_. “Mutações do texto jornalístico: o meio on-line e o performativo discursivo”. *Anais do 1º Seminário Nacional de Letras e Literatura: teoria e ensino – O texto e suas múltiplas vozes*. Programa de Pós-Graduação em Letras UPF. Passo Fundo, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *Pierre Bourdieu e o campo da comunicação – Por uma teoria da comunicação praxiológica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2005b.



MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. “O feedback possível: a relação do jornal on-line com o impresso”. In: *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, n. 18 (ago. 2002), p. 44-49.

SCHUDSON, Michael. *Discovering the news*. New York: Basic Books, 1978.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. “A relação entre velocidade e precisão em webjornalismo”. In: *Em Questão: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS*. Porto Alegre. Vol. 9, n.2 (jul./dez. 2003), p. 353-363.

SPITZ, Clarice. “Audiência de site de notícias cresce duas vezes mais que internet”. In: *Folha Online* ([www.folha.com.br](http://www.folha.com.br) - 09 de março de 2006 - 21h23).